

TEXTO 3

Violências...

“... a violência consiste em ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual. Na verdade, só se pode falar de violências, pois se trata de uma realidade plural, diferenciada, cujas especificidades necessitam ser conhecidas” (MINAYO; SOUZA, 1998, p. 514)

Nos dois primeiros Módulos deste curso situamos a temática central do qual ele trata, a violência doméstica e familiar, no que se refere aos aspectos conceituais que possibilitam a construção de um léxico, ou seja, ferramentas interpretativas, que possibilitam a compreensão de como as questões que emergem do cotidiano de indivíduos e famílias se inserem em um contexto macrossocial e são influenciadas por processos que são ao mesmo tempo estruturais¹ e estruturantes².

Neste momento precisamos dar um passo adiante em nossa jornada adentrando nas questões próximas à vivência destas violências nas vidas dos sujeitos e famílias, bem como em nossas próprias experiências e vivências. Ressalto a importância de fazermos este exercício de reflexão sobre como estes processos se expressam em nossas vivências enquanto sujeitos porque não estamos imunes a influência das estruturas sociais de nossa sociedade. Somos produto deste contexto tanto quanto os usuários da Política de Assistência e isto significa que precisamos assumir

¹ Compreendo como estruturais as construções socioculturais que antecedem nossa experiência individual e estabelecem as bases de organização da sociedade, trata-se de elementos que formam o contexto onde nos relacionamos e construímos nossas vidas.

² Quando afirmo que um elemento é estruturante estou me referindo à forma como aquele constructo social se organiza na experiência individual de uma pessoa. Estou apontando como alguém ou como um agrupamento vivencia determinado fenômeno. Por exemplo, se eu afirmo que reconheço o machismo na minha experiência feminina quando sinto receio de andar sozinha tarde da noite por medo de ser estuprada estou reconhecendo que este é um fator estruturante, socialmente construído e do qual eu não tenho como escapar. O que posso fazer enquanto mulher que busca romper com este modelo social é não toma-lo como natural, revelar suas bases ideológicas e opressivas para disputar simbolicamente com este sistema defendendo que é possível construir outras experiências sociais onde as relações entre homens e mulheres não sejam pautadas na desigualdade e insegurança.



a responsabilidade de desconstrução da violência desde nossa própria vida. Como uma profissional, integrante de uma equipe de referência de um CRAS, que bate em seus filhos com certa frequência, vai se sentir provocada à discutir a questão do uso da violência com uma usuária que espancou seu filho? Precisamos refletir em que medida o nosso despreparo para lidar com as questões de violência que surgem em nosso cotidiano profissional refletem a nossa incapacidade de nos enxergarmos enquanto corresponsáveis pela perpetuação das estruturas que possibilitam práticas violentas, desigualdades e outras problemáticas vivenciadas de modo difuso entre nós e nosso público. A questão é: em que medida uma demanda de violência ou violação que chega até mim perpassa meus próprios traumas, minha socialização, minha condição de gênero³ e isto afeta a minha capacidade de ter empatia?

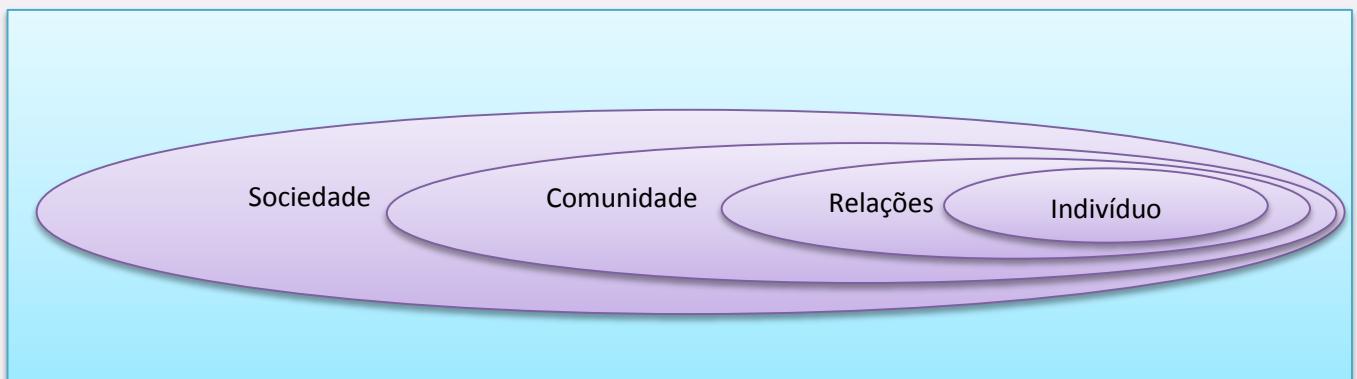
Neste módulo iremos abordar cada um dos tipos de violência que perpassam o contexto familiar buscando identificar características gerais que nos auxiliem a compreender as situações vivenciadas no cotidiano. Também vamos refletir sobre como se constituem “vítimas” e “agressores” dentro destas dinâmicas e vamos buscar ir além da abordagem incipiente do senso comum sobre estas condições.

Devemos reconhecer que hoje estamos mais atentas e atentos ao tema da violência e ao seu amplo espectro de ocorrência, mas ao mesmo tempo ainda somos lenientes e pouco esclarecidos quanto a algumas formas com que ela ocorre na vida social. Alguns estudiosos têm dado importantes contribuições para a discussão deste tema a exemplo de: Minayo, 2002; Assis, 2010; Azevedo e Guerra, 1995, entre outros. É importante lembrar que cada perspectiva teórica ou prática que se volta à discussão da violência poderá abordá-la de variadas formas, portanto, é muito importante lembrar que ao observar o contexto mais geral estamos tratando de “violências” visto que trata-se de um fenômeno multifacetado, com diversificadas formas de expressão e que estamos trabalhando com um recorte, uma expressão e uma linha interpretativa e analítica a respeito do

³ Ser homem ou mulher determina de que modo determinadas questões vão gerar, ou não, empatia. Por exemplo, uma mulher é mobilizada emocionalmente com muito mais intensidade do que um homem ao entrar em contato com um relato de estupro pelo simples fato de que sua condição feminina a coloca como alvo principal deste tipo de violência.

tema que não é capaz, e nunca teve a pretensão de esgotar as discussões que podem ser suscitadas e desenvolvidas a este respeito.

Deste modo, para compreender o fenômeno da violência segundo os recortes de nosso curso vamos entender como este se insere em um modelo ecológico proposto pela OMS – Organização Mundial de Saúde. O modelo utilizado pela OMS busca colocar em evidência as interseções entre o indivíduo, seu universo relacional, vivências comunitárias e o ambiente social a que está exposto. O modelo apresentado abaixo visa representar graficamente esta proposta:



Fonte: Krug et al, 2002.

Pensar a partir deste modelo nos ajuda a perceber que um ato violento envolve vários fatores que podem facilitar ou dificultar a sua ocorrência. Isso significa que a análise do fato precisa observar os determinantes e os condicionantes do processo que devem ser avaliados individualmente e no contexto onde se manifestam. Em decorrência disto devemos observar os tipos de violência observando a direcionalidade da ação:

Violências	Conceituação
AUTOINFLINGIDA	Violência autodirigida, que se manifesta de duas formas: comportamento suicida (pensamentos suicidas, tentativa de suicídio e suicídio) e atos de violência contra si próprio, como é o caso das automutilações e autoflagelações.
INTERPESSOAL	Violência de uma pessoa contra outra. Ocorre em diversos âmbitos relacionais: família, escola, comunidade, instituições, etc. A violência na família e entre parceiros/as íntimos/as caracteriza-se pela existência de laços de parentesco (consanguíneo ou não).

	A violência interpessoal comunitária inclui violência juvenil, atos aleatórios de violência, estupro ou ataque sexual por estranhos, bem como a violência em grupos institucionais (escola, trabalho, prisões e abrigos).
COLETIVA	Cometida por grupos ou pelo Estado. Corresponde ao uso da violência por pessoas que se identificam como membros de um grupo, seja ele transitório ou com identidade mais permanente, contra outro grupo ou ajuntamento de indivíduos, visando alcançar objetivos políticos, econômicos ou sociais. Pode ser social (crimes de ódio, atos terroristas); política (guerras e conflitos realizados pelo estado) e econômica (negação de acesso à serviços essenciais, fragmentações econômicas).

Violência Familiar

Está muito presente em nossa sociedade e refletida no cotidiano das políticas públicas. Possui um aspecto comunicacional e relacional, atinge todos os ciclos de vida – da primeira infância à velhice. Talvez seja a forma de violência mais naturalizada! Crianças, adolescentes, mulheres e pessoas idosas, em geral são as mais vulneráveis à este tipo de violência em função do seu ciclo de vida e estágio de desenvolvimento, relacionados à situação de dependência ou da sua condição em relação à desigualdade de gênero, no caso da mulher.

Este tipo de violência costuma acontecer entre quatro paredes o que dificulta que seja reconhecida e enfrentada. Nem sempre é superada pela responsabilização do agressor. Costuma ter origens geracionais e demanda uma intervenção acolhedora da família de modo a ajudá-la a compreender sua própria história e reconhecer os efeitos nocivos da violência com a finalidade de superá-la e romper com o ciclo da violência.

Ao compreender a direcionalidade dos atos de violência é mais fácil compreender as implicações individuais, relacionais e coletivas da situação observada e assim se aproximar mais do contexto de ocorrência do fenômeno sem permitir que nossos pressupostos sejam o principal⁴ norteador da reflexão.

⁴ É importante compreender que não há como nos livrarmos dos nossos preconceitos e limitações ético-morais. O princípio da neutralidade é uma falácia que devemos combater, pois todos os sujeitos estão posicionados no mundo segundo o conjunto de experiências e valores que recebeu e recebe ao longo de sua vida e partir destas influências se constitui. Contudo, o peso e a influência de nossos valores devem ser reconhecidos e trabalhados em nossas intervenções para que não se tornem um fator de revitimização e produção de desproteção social.



Violência Doméstica X Violência Familiar: qual a diferença?

Na verdade, quando falamos de violência doméstica e violência familiar estamos tratando de dois aspectos de um mesmo fenômeno. A violência familiar é caracterizada por ocorrer no contexto das relações interpessoais da famílias, entre seus membros (pai, mãe, irmão, irmã, tio, tia, avô, avó, padrasto, madrasta, etc.). O que determina este tipo de violência é a relação de parentesco entre vítimas e agressores.

Por sua vez, quando nos referimos à violência doméstica estamos nos referindo ao espaço onde a violência ocorre, no caso, o lar. Desta forma, percebe-se que a violência doméstica refere-se as pessoas que tendo laços de parentesco consanguíneos ou afetivos e habitando em um mesmo domicílio estejam em uma relação violenta. Observem que a violência familiar não precisa, necessariamente, se sobrepor à violência doméstica, uma vez que, indivíduos com algum grau de parentesco e que não residem em um mesmo espaço doméstico podem vivenciar um episódio ou mesmo uma relação violenta. Devemos ainda destacar que um outro aspecto relacionado a violência doméstica e/ou familiar é a violência intergeracional que é aquela que se reproduz e se transmite através das gerações familiares.

Quando observamos estas nuances podemos perceber o quanto este fenômeno é complexo e que não é possível delimitar e construir modelos explicativos fechados. O que podemos fazer é identificar como o plano macrossocial e relacional interagem e favorecem ou dificultam as práticas violentas. Compreender como certos comportamentos e valores socialmente compartilhados criam uma ambiência favorável à prática de atos violentos. Como, por exemplo, a violência é naturalizada como elemento educativo e de afirmação da autoridade dos pais sobre seus filhos.

Dinâmicas dos papéis sociais: vítimas e autores

Para compreender como se constituem estes lugares de autores de violência/agressores e vítimas precisamos situar a complexidade destes papéis que não devem ser tomados de modo essencialista e determinista. Como já apontado ao longo deste curso, o poder circula entre os indivíduos nos contextos vivenciados e os sujeitos são tanto seu produto quanto seus produtores. Isso quer dizer que ser vítima não significa estar permanentemente em uma condição de sujeição. As pessoas que vivem em um contexto onde são alvo de violência constroem estratégias,

conscientes ou inconscientes, de resistência à sua condição. Estas estratégias podem ser ou não eficientes. Do mesmo modo, agressores não estão no controle das situações vivenciadas o tempo inteiro. Eles têm um modo de interagir dentro do seu contexto que é marcado pelo exercício da violência, contudo, isso é um componente do modo como se relaciona com os sujeitos identificados como suas vítimas.

É preciso observar que estes contextos são marcados pelo componente da violência que é vivenciada a partir de ciclos e que as etapas que o compõem não são todas marcadas pela violência, existem períodos de não-violência. Estas fases variam em relação a duração e intensidade (SOARES, 2009). De este modo é necessário observar a família considerando suas leis, mitos, segredos e sua dinâmica interna que é afetada por essa violência que envolve e afeta todos os seus membros.

(...) é preciso compreender essa família que se modifica segundo diferentes contextos sociais, culturais, políticos e históricos. Essas mudanças geram novas configurações e relações em um universo de expectativas, de representações subjetivas, no âmbito da família, com suas dificuldades peculiares, envolvendo todos os seus membros (SOARES, 2009, p. 32).

Estes ciclos se revelam de modo sucessivo, e sua ocorrência se dá de modo diferente, de acordo com as relações que são estabelecidas no contexto familiar: pelo casal, entre adultos e crianças/adolescentes e idosos. Segundo Lenore Walker (1979), o ciclo da violência no casal apresenta as seguintes fases: fase de tensão, episódio agudo de violência e fase da lua-de-mel. Na grande maioria dos casos as mulheres são as principais vítimas da violência conjugal.

Ciclo da Violência no Casal ⁵	
1ª Fase: Tensão no Relacionamento	Podem acontecer episódios menores, como agressões verbais, crises de ciúmes, ameaças, destruição de objetos, etc. Neste período, de duração indefinida, a mulher geralmente tenta aclamar seu agressor, mostrando-se dócil, prestativa, buscando antecipar seus caprichos. Sente-se responsável pelos atos do companheiro e pensa que se fizer as coisas do modo como ele deseja os incidentes podem terminar. Se ele explode, ela assume a culpa.

⁵ Fonte: BRASIL, 2005, p.23-25.

2ª Fase: Episódio Agudo de Violência	Fase marcada por agressões agudas, a tensão atinge seu ponto máximo e ocorrem ataques mais graves. A relação se torna insustentável e tudo se transforma em descontrole e destruição.
3ª Fase: Lua-de-Mel	Terminando o período de violência aguda da segunda fase, o agressor demonstra remorso e medo de perder a companheira. Ele pode prometer qualquer coisa, implorar por perdão, comprar presentes para parceira e demonstrar sua culpa e paixão. Jura que jamais irá agir de forma violenta. Ele será novamente o homem por quem um dia ela se apaixonou, pelo menos por algum tempo.

Você já deve ter conhecido alguns homens que se queixam da violência de suas parceiras.

Mas você já ouviu falar de um homem que...

1. Vive aterrorizado, temendo os ataques da mulher?
2. Que seja abusado sexualmente por ela?
3. Que tenha se isolado dos familiares e amigos por pressão ou por vergonha da situação que está vivendo?
4. Que tenha perdido a liberdade de ir aonde quer, de trabalhar ou estudar?
5. Que viva assustado por não conseguir proteger os filhos?
6. Que se sinta o tempo todo humilhado e desqualificado, impotente e sem saída?
7. Que viva pisando em ovos para não despertar a ira da mulher?
8. Que seja totalmente dependente dos ganhos da companheira e, portanto, sem nenhuma autonomia?
9. Que tenha perdido a autoestima e esteja destruído psicologicamente pela parceira?
10. Que tenha medo de deixá-la e que acabe sendo morto por falta de proteção?

Fonte: BRASIL, Enfrentando a violência contra a mulher. Brasília, 2005.

Em sua forma mais típica este tipo de violência é uma expressão do desejo de controlar e dominar a outra pessoa⁶. Ela se caracteriza por atos repetitivos que vão se agravando: coerção, cerceamento da liberdade, humilhação, desqualificação, ameaças, agressões físicas e sexuais variadas. Todo este contexto coloca a vítima em uma situação de estresse constante, onde o medo é uma persistente. Os danos físicos e psicológicos causados por um relacionamento abusivo podem causar danos duradouros ou até permanentes.

⁶ Observe que grande parte dos feminicídios ocorrem quando a mulher rompe com o ciclo da violência tentando se separar do agressor. Esse é o momento crítico, onde o agressor percebe que perdeu o controle sobre a vítima e isto, em muitos casos provoca atitudes extremas, como agressões físicas graves, tentativas de homicídio e homicídio.



Observando o que o quadro acima ilustra é fácil perceber a assimetria de poder que estabelece possibilidades diferenciadas de exercício da violência entre homens e mulheres. Na nossa sociedade, durante séculos, os homens tiveram carta branca para mandar, controlar e punir suas companheiras e este tipo de postura ainda tem seus reflexos em nosso cotidiano, apesar de hoje muitas coisas terem mudado e existirem dispositivos de proteção ainda precisamos caminhar bastante no sentido de superar as relações patriarcais em todos os aspectos da vida.

As mulheres que vivem nesta situação são psicologicamente fragilizadas e, como muitas vítimas de violência, tendem a reproduzi-la sendo as crianças os principais alvos destas. Precisamos compreender de que modo a violência contra a mulher acaba por se articular com a violência contra crianças e adolescentes, entendendo como muitas mulheres vítimas de violência por parte do seu cônjuge é autora de agressões contra os filhos e filhas. Entretanto para compreender os aspectos da violência contra crianças e adolescentes devemos observar outros elementos, visto que, embora a mulher apareça com bastante frequência enquanto agressora de seus filhos e filhas o companheiro continua sendo, na maioria dos casos, a referência dentro do contexto onde as violências são praticadas. É sob o mando da autoridade masculina que a mãe exerce o poder sobre os filhos. Dito de outro modo, é enquanto representante da autoridade masculina que a mulher está autorizada a praticar a violência no âmbito doméstico.

Muitas pessoas se perguntam sobre os motivos das mulheres continuarem em um relacionamento abusivo. Existem diversos motivos que podem influenciar este comportamento e em cada caso determinados fatores serão mais determinantes que outros, mas em geral devemos atentar para os seguintes elementos (BRASIL, 2005, p. 27-29):

1. O rompimento do relacionamento é um fator de risco;
2. Procurar ajuda é sinônimo de vergonha e gera medo;
3. Esperança de que o companheiro mude o comportamento;
4. A vítima se encontra isolada de sua rede de apoio;
5. Nossa sociedade ainda não possui respostas satisfatórias no sentido do apoio às vítimas;
6. Há muitos obstáculos que impedem o rompimento;
7. Uma parcela significativa das vítimas depende economicamente de seus agressores;

8. Deixar uma relação violenta é um processo: cada pessoa tem seu tempo;

Crianças, Adolescentes e Relações de Poder

Quando se trata do tema da violência contra crianças e adolescentes no contexto familiar e/ou doméstico devemos observar que, em geral, ela está inserida num contexto de manifestação de violência física e psicológica entre o casal que se estende para a relação entre pais e filhos.

A violência no seio das famílias como algo que faz parte da educação doméstica, em que os adultos exercem sua autoridade como abuso de poder para educar crianças e adolescentes: batendo, castigando fisicamente, privando de comida e exigindo obediência incondicional.

A autoridade do adulto sobre a criança é pensada como natural e não como social. A criança deve submeter-se ao adulto porque ele é naturalmente superior. Os pais que assumem essa função por um fato da natureza, têm direitos prioritários sobre a criança. Sua dependência social é transformada em dependência natural. A obediência se torna um dever exclusivo da criança, e sua revolta é encarada pelo adulto com uma transgressão aos direitos do próprio adulto (GUERRA, 1998, p. 95).

Educadas neste contexto as crianças passam a considerar natural e apropriado ao processo educativo o uso da violência. Os castigos físicos afetam a iniciativa, criatividade e a espontaneidade dos indivíduos, entretanto, nem sempre as crianças e adolescentes respondem com submissão a estes estímulos violentos e se tornam rebeldes como uma reação à sua condição de vítima de agressões.

As motivações para o uso da violência contra os filhos e filhas variam bastante, mas em geral tem relação com determinados aspectos: tensões geradas por uma convivência desigual e adultocêntrica; pressões geradas pelas expectativas paternas acerca do comportamento ideal dos filhos e filhas; crença a educação através do controle e disciplinamento rígido; crença no castigo como mecanismo de readequação do comportamento; uso da violência como afirmação da autoridade. Azevedo e Guerra (1995) afirmam que essa relação se caracteriza por ser uma relação sujeito-objeto: os filhos devem satisfazer as necessidades dos pais, pesa sobre eles uma expectativa de desempenho superior às suas capacidades.

CICLO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES	
FASES	DESCRIÇÃO
1ª FASE: Expectativa	Pais, mães e/ou adultos/responsáveis criam fantasias e expectativas com relação às crianças e adolescentes, sob seus cuidados e proteção, às vezes idealizando-os.
2ª FASE: Frustração	Quando as crianças e os adolescentes não correspondem às expectativas dos pais, mães e/ou adultos/responsáveis, estes sentem-se frustrados.
3ª FASE: Violência	Pais, mães e/ou adultos/responsáveis reagem com violência psicológica e/ou física, causando dor e sofrimento e deixando marcas nos corpos e nas almas das crianças e adolescentes.
4ª FASE: Calmaria	As expectativas dos pais, mães e/ou adultos responsáveis, em relação ao comportamento das crianças e adolescentes são renovadas e eles reiniciam o movimento de conquista das crianças e adolescentes.

Fonte: SOARES, 2009 p.35.

A violência praticada contra crianças e adolescentes também ocorre dentro de um ciclo que se projeta de forma espiral, onde ocorre um contínuo de manifestações que não se produzem isoladamente, mas fazem parte de uma crescente de acontecimentos. O pai estabelece uma relação violenta com a mãe e, por conseguinte desencadeia a violência da mãe contra filhos e filhas. Uma questão importante a ser destacada é como estes ciclos de violência se reeditam e violentam. Muitas vezes os autores de violência contra crianças e adolescentes estão reeditando em suas famílias as vivências de violência de suas famílias de origem – pai que batia em sua mãe, em seus irmãos/irmãs neles/nelas. As observações acerca de como os agressores podem estar reproduzindo a violência ao qual foram expostos não tem o intuito de atenuar, distorcer, ou desresponsabilizar quem está na condição de autor da violência, mas evidenciar que estas condutas podem não ser percebidas pelos mesmos como violentas.

No próximo módulo do curso veremos os tipos de violência contra a criança e o adolescente, dando especial ênfase à violência e exploração sexual de crianças e adolescentes, além disso, vamos pensar sobre as possibilidades de superação de relações violentas e sobre a importância das estratégias intervenção para a ruptura dos ciclos de violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. **Impactos da violência na escola.** Um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2010.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. **A violência doméstica na infância e na Adolescência.** São Paulo: Robe Editorial, 1995.
- BRASIL. **Enfrentando a violência contra a mulher.** Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005, 64 páginas.
- GUERRA, V. A. **Violência de pais contra filhos:** a tragédia revisitada. 3. ed., São Paulo: Ed. Cortez, 1998.
- KRUG, E. G. et al (Eds.) **Relatório mundial sobre violência e saúde.** Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.
- MINAYO, M C de S.; SOUZA, E R de. *Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. História, Ciências, Saúde*, v.4, n. 3, p. 513-531, 1998.
- MINAYO, M. C. de S. **Violência contra crianças e adolescentes:** questão social, questão de saúde. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, 2002, v.1, n.2, p. 91-102.
- SOARES, Ilcélia Alves. **Família em situação de violência doméstica contra a criança e o adolescente:** é possível romper com este cenário? Dissertação (mestrado)/Unicap, 2009.
- WALKER, L. **The battered woman.** New York: Harper and How, 1979.